



Conversa

[Cadernos] PPG-AU
FAUFBA

“O PPG-AU tem sido uma voz a chamar atenção para nossas particularidades de país periférico”

Conversa com:

Márcia Sant'Anna

Coordenadora do PPG-AU/FAUFBA (2017-2018)
Universidade Federal da Bahia

Márcia Sant'Anna recebeu dos Cadernos PPG-AU/FAUFBA, no dia 16 de maio de 2024, via e-mail, as questões que constituem a conversa das próximas páginas, elaborada a partir de suas respostas por escrito, enviadas em 15 de junho de 2024.

Natural de Salvador, mas declarando-se com forte vínculo com Brasília, ela destacou sua trajetória marcada pela preservação do patrimônio cultural. Trabalhou no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em diversas regiões do Brasil, e, após se aposentar, tornou-se professora na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA) — onde também concluiu seu mestrado, em 1995, e o doutorado, em 2004. Enfatizou, ainda, sua participação na quarta turma do Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (CECRE), na FAUFBA, seu envolvimento no projeto Mapeamento de Monumentos e Sítios Religiosos Negros da Bahia (MAMNBA) e na criação do Departamento de Patrimônio Imaterial no IPHAN. Entre suas principais atividades de ensino, pesquisa e extensão, elencou o desenvolvimento de uma metodologia participativa para a produção de Normas e Critérios de Intervenção no Centro Histórico de Salvador e Comércio, a criação do grupo de pesquisa ARQPOP, a implementação de uma disciplina sobre arquitetura popular e o Portal da Arquitetura Vernácula/Popular Brasileira.

Especificamente de quando foi Coordenadora do PPG-AU/FAUFBA, entre 2017 e 2018, Sant'Anna lembrou das dificuldades de um programa de pós-graduação que se tornava cada vez maior, em descompasso com a falta de estrutura e a então recente implantação da Plataforma Sucupira, que exigia um trabalho descomunal no que se refere à coleta de dados, em paralelo a um momento de difícil relação com a Capes. Sua gestão, então, atuou em prol da ampliação do quadro de docentes e, na medida do possível, da melhoria da área administrativa.

No que diz respeito às contribuições do programa para o campo de Arquitetura e Urbanismo, ela ressaltou que o PPG-AU/FAUFBA foi o primeiro, no país, a ter uma Área de Concentração focada na questão do patrimônio. Disse acreditar, além disso, que o programa, historicamente, deu relevância às particularidades de um país periférico como o Brasil. Não por acaso, vem se destacando por contribuições relacionadas a epistemologias e abordagens mais pertinentes ao sul global e nos estudos de gênero e étnico-raciais. No entanto, segundo ela, tais pesquisas mantêm conexão com a arte, o urbanismo, a arquitetura e o patrimônio cultural e, sobretudo, não incorrem em um identitarismo raso ou uma aplicação superficial do pensamento decolonial. Outro ponto importante para Sant'Anna é o aumento de interesse, dentro do PPG-AU/FAUFBA, por abordagens relacionadas ao paisagismo.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Vamos começar falando um pouco de você. Poderia se apresentar?

Márcia Sant'Anna: Sou baiana, nascida em Salvador, em 1956, mas me sinto também de Brasília, pois vivi nessa cidade muitos anos e nela comecei minha vida profissional. Sou arquiteta e urbanista, mas uma pessoa de muitos interesses sobretudo nos campos da preservação do patrimônio cultural, da história, da sociologia e da antropologia. Além desses interesses, a literatura, a música, a dança e as artes plásticas são paixões que cultivo ao longo da vida. Venho de uma família muito engajada politicamente e, assim, sempre estive atenta na minha vida estudantil e profissional às questões sociais, econômicas e políticas do país.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Fale um pouco, por favor, de sua formação e de suas experiências acadêmicas e profissionais.

Márcia Sant'Anna: Sou arquiteta graduada pela Universidade de Brasília, em 1980, e ainda durante esse processo de formação universitária, decidi que procuraria trabalhar com a preservação do patrimônio edificado. Por essa razão, entre 1981 e 82, após passar por um processo de seleção, voltei a Salvador para participar do IV Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos, que deu origem ao atual MP-CECRE.¹ Em 1983, iniciei minha trajetória no campo da preservação do patrimônio cultural, inicialmente engajada na equipe de um projeto da antiga Fundação Nacional Pró-Memória, e, em seguida, a partir de 1987, como servidora do atual Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Nessa instituição tive a oportunidade de trabalhar em várias unidades da federação, notadamente a Bahia, o Rio de Janeiro, o Ceará e o Distrito Federal, e ocupar alguns cargos, o que me proporcionou experiências profissionais valiosas e um contato rico e profundo com a realidade da produção, do reconhecimento e da gestão do patrimônio cultural no país. Em 2011, após me aposentar precocemente do IPHAN, participei do concurso público que me tornou professora da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA), universidade onde eu realizei toda a minha formação complementar em termos de mestrado (1995) e doutorado (2004). Desde então, me tornei professora, algo que não imaginava para a minha vida após a graduação. Posso dizer que, nessa nova

¹ Nota dos Editores (N.E.) — O Curso de Especialização em Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios Históricos (CECRE) foi instituído na década de 1970, fruto de convênios entre a Secretaria de Cultura do MEC e várias universidades brasileiras. Com a realização de sua quarta edição em Salvador (1981-1982), o curso adquiriu uma dimensão internacional, passando a contar com a participação de alunos e consultores estrangeiros. Este sucesso consolidou sua sede fixa na Universidade Federal da Bahia, por meio da Faculdade de Arquitetura e do Centro de Estudos da Arquitetura da Bahia (CEAB). Desde 2010, o curso tornou-se o Mestrado Profissional em Conservação e Restauração de Monumentos e Núcleos Históricos (MP-CECRE).

experiência profissional, tenho aprendido muito em todos os sentidos (e trabalhado muito também).

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Poderia destacar eventos, projetos ou demais experiências que entende ter sido determinantes à sua formação ou à sua atuação acadêmica?

Márcia Sant'Anna: Olhando para trás, verifico que pelo menos as seguintes experiências marcaram e, de certa forma, definiram minha trajetória profissional. A primeira foi o já mencionado IV Cecre, que me introduziu no campo do patrimônio e me colocou pela primeira vez em contato com seus interesses, questões, teorias e práticas. A segunda, transcorrida entre 1983 e 87, foi ter sido membro da equipe do projeto Mapeamento de Monumentos e Sítios Religiosos Negros da Bahia (MAMNBA) — um convênio entre o antigo Órgão Central de Planejamento da Prefeitura Municipal de Salvador (OCEPLAN) e a antiga Fundação Nacional Pró-Memória —, uma experiência inovadora (até mesmo revolucionária) que me ensinou o que é patrimônio e marcou profundamente minha trajetória profissional futura. Recentemente, tive a oportunidade de revisitar essa experiência de inventário e proteção ao patrimônio afro-brasileiro num artigo elaborado para os *Anais do Museu Paulista* (SANT' ANNA, 2020). A terceira experiência ocorreu entre 2004 e 2010, quando tive a oportunidade, como gestora, de montar o atual Departamento do Patrimônio Imaterial do Iphan — iniciativa que resulta dos esforços do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial, que coordenei entre 1997 e 1999 — e, juntamente com uma equipe pequena, mas aguerrida, de servidores do Iphan, formular, estruturar as bases e iniciar a implementação da política federal de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no país. A quarta experiência está em curso e tem a ver com as atividades de ensino, pesquisa e extensão das quais venho participando no âmbito na Faculdade de Arquitetura e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Dentre essas atividades, ressalto: o desenvolvimento da metodologia participativa para a elaboração de Normas e Critérios de Intervenção para o Centro Histórico de Salvador e Comércio;² a organização do grupo de pesquisa ARQPOP,³ a concepção e a implantação da disciplina Arquitetura Popular: Espaços e Saberes e do Guia de Fontes sobre

² Projeto realizado mediante o estabelecimento de TEDs com o IPHAN do qual fazem parte os colegas da FAUFBA: Aline Figueirôa Silva, Gabriela Sampaio, Luiz Antônio Fernandes Cardoso, Mariely Cabral de Santana, Marta Raquel da Silva Alves e Nivaldo Vieira Andrade Junior.

³ N.E. — Sob a liderança de Márcia Sant'Anna, o ARQPOP tem como objetivo aprofundar a compreensão sobre os processos de edificação, inovação, transmissão e aprendizagem na arquitetura popular, valorizando conhecimentos e tradições, além de ampliar seu emprego na atualidade. No âmbito acadêmico, também pretende colaborar para o avanço metodológico e conceitual, promovendo pesquisas e implementando disciplinas focadas no tema, além de ampliar o entendimento histórico das origens da arquitetura popular e das técnicas construtivas tradicionais brasileiras.

Arquitetura Popular⁴ e, atualmente, do Portal da Arquitetura Vernácula/Popular Brasileira, em parceria com professores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Universidade Federal Fluminense (UFF).⁵

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Qual era o cenário do PPG-AU/FAFUBA, na época em que você foi a coordenadora do nosso programa?

Márcia Sant'Anna: A maior parte do tempo em que participei da gestão do PPG-AU/FAUFBA foi como Vice-coordenadora, pois o programa era coordenado pelo colega Luiz Antônio Fernandes Cardoso (2014-2017). O período em que exerci a coordenação foi curto, entre 2017 e 2018. Fui, contudo, uma Vice muito ativa, assumindo diversas tarefas, vivendo e acompanhando de perto as dificuldades enfrentadas pelo Coordenador.

Essas dificuldades eram de natureza externa e interna ao programa e posso de dizer que se prolongaram no período em que assumi a Coordenação. As dificuldades internas relacionavam-se, em grande parte, a meu ver, com o fato de o PPG-AU estar passando pela transição de um programa antigo, mais ainda pequeno, para um programa de porte maior, sem a estrutura física e, sobretudo, administrativa correspondente. As instalações eram deficientes, sobretudo em termos de conservação predial e de espaço para grupos de pesquisa e estudantes, e o corpo administrativo era claramente insuficiente para a gestão do programa, o que obrigava o coordenador e o vice assumirem diversas dessas tarefas. Com o crescimento do número de estudantes do programa, o número de professores começou a se tornar pequeno, o que causava o acúmulo de orientandos por orientador. Havia ainda muita dificuldade de mobilização de docentes para a formação das comissões necessárias à alocação de bolsas, à apreciação de questões específicas, à indicação de trabalhos para prêmios, dentre outras tarefas de cunho acadêmico. Dentre as dificuldades externas cabe citar a transição da forma tradicional de avaliação dos programas de pós-graduação via Coleta Capes para a Plataforma Sucupira, que, no início da sua implantação, além de ser muito instável, suscitou inúmeras dúvidas quanto à inserção das informações e implicou uma carga extra e monumental de trabalho para as coordenações dos programas. No caso do PPG-AU, essa carga tornou-se ainda mais pesada, devido à dificuldade de mobilizar

⁴ Juntamente com os colegas Daniel Mellado Paz, Eugênio de Ávila Lins, Luiz Antônio Fernandes Cardoso, Mariely Cabral de Santana, Sílvia Pimenta d’Affonseca

⁵ Além dos colegas já citados na nota anterior, esse trabalho vem sendo realizado, também, em conjunto com os professores Marco Antônio Penido Rezende, Frederico Toffani, Mariana Petry Cabral, Renata Barracho e Carla da Silva Angelo, da UFMG, e José Simões Belmont Pessôa, da UFF

docentes, discentes e egressos do programa para o envio a tempo das informações requeridas pela plataforma e, mais ainda, de conseguir que ajudassem nessa tarefa.

Ainda sobre as dificuldades externas, cabe ressaltar a relação difícil que os programas de Arquitetura e Urbanismo, e o nosso em particular, tiveram com a Coordenação da Área de Arquitetura, Urbanismo e Design da Capes, que se dedicou, durante todo esse período em que tem início a ascensão do bolsonarismo, a rebaixar os programas mais antigos e politicamente combativos como o PPG-AU e a favorecer programas novos, sobretudo da área do Design, vinculados a universidades privadas. Já estávamos vivendo, mas ainda sem plena consciência disso, o desmonte da área da Educação que se aprofundou entre 2019-2022, durante o governo Bolsonaro, num processo que culminou com o injusto rebaixamento do programa para a nota 4.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Você se lembra dos desafios enfrentados na sua gestão? E como foram superados?

Márcia Sant'Anna: Na minha curta gestão procurei enfrentar dois desafios que, naquele momento, estavam a nosso alcance. A primeira foi a ampliação, via processo de credenciamento, do quadro de docentes permanentes do programa, que saltou de 15 para mais que o dobro, injetando novos olhares, novas abordagens e novas disponibilidades para sua gestão. A segunda foi direcionada à melhoria do funcionamento da área administrativa, com vinda de uma administradora para o programa e com a cessão pela FAUFBA de um funcionário terceirizado para apoio à Secretaria. Além disso, a organização dos arquivos correntes e do fluxo de entrada, saída e arquivamento de documentos.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Você se recorda da composição do quadro docente do PPG-AU/FAUFBA na sua gestão? É possível perceber, olhando para trás, quais tinham sido os avanços e as contribuições trazidos para o campo por pesquisadoras e pesquisadores do PPG-AU nesses anos do programa? Você lembra quais eram as autoras e os autores, os temas e os conceitos que mais circulavam naqueles anos?

Márcia Sant'Anna: Como já registrei na pergunta anterior, tínhamos 15 professores permanentes. Não me recordo o número exato dos colaboradores, mas creio que eram 30% desse total. Era um quadro docente valioso com por pessoas como Ana Fernandes, Ângela Gordilho-Souza, Francisco Costa, Heliodorio Sampaio, Marco Aurélio Gomes, Mário Mendonça de Oliveira, Odete Dourado, Paola Berenstein, Pasqualino Magnavita, dentre outros, que não só fundaram o programa, mas produziram e produzem pesqui-

sas, conhecimentos e contribuições inestimáveis para o campo da Arquitetura e do Urbanismo, bem como da preservação do patrimônio cultural. Na área de Urbanismo, os autores mais citados à época eram Henri Lefebvre, Milton Santos, David Harvey, Walter Benjamin, Gilles Deleuze, Félix Guatarri e Neil Smith. Já na área de conservação e restauro, Cesare Brandi, Alois Riegl, Norberg-Schulz, Muñoz Viñas, Laurajane Smith, Ulpiano Bezerra de Meneses e Andrea Huyssen, dentre outros.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Que contribuições teórico-epistemológicas e políticas você acha que o programa ainda oferece para o campo de arquitetura e urbanismo? O que o diferencia e lhe dá destaque hoje?

Márcia Sant'Anna: Nos últimos tempos, o programa tem se destacado e oferecido contribuições teórico-epistemológicas e políticas fundamentais sobretudo no que toca aos estudos étnico-raciais e de gênero, em sua interface com a arte, a arquitetura, o urbanismo e o patrimônio cultural, sem, contudo, cair na vulgaridade de um identitarismo panfletário. Tem-se avançado muito também na crítica ao pensamento ocidental e bem como na discussão sobre novas epistemologias e abordagens metodológicas mais adequadas aos modos de ser e à realidade do chamado "sul global", sem tampouco cair na vulgaridade de um pensamento "decolonial" simplório acriticamente aplicado a tudo. Não é pouca coisa, e o impacto social e político dessa nova produção de conhecimento é potencialmente enorme. Cabe ainda registrar os avanços no campo do paisagismo, uma lacuna do programa que vem sendo preenchida com competência e cuidado por alguns docentes.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Pensando na sua trajetória como pesquisadora, quais temáticas marcam a sua vida acadêmica? Poderia comentar as que entende ser de maior relevância, como elas se relacionam com debates regionais, nacionais e, se for o caso, internacionais

Márcia Sant'Anna: A minha vida acadêmica foi marcada por duas temáticas, ambas relacionadas ao patrimônio cultural. A primeira refere-se à problemática histórica e contemporânea de seleção, uso e gestão do patrimônio urbano, que investiguei nas pesquisas para realização do mestrado e doutorado e que foram publicadas nos livros *Da cidade-monumento à cidade-documento* (2014) e *A cidade-atração* (2017). Essas pesquisas foram iniciadas ainda nos anos de 1990, em diálogo com as intervenções que caracterizaram, no Ocidente e no Brasil, a disputa, ainda em curso, pelas áreas centrais de grandes cidades e pelo seu patrimônio, de um lado, pelos interesses do turismo, do capital imobiliário e da indústria cultural e, de outro, pelos segmentos sociais de baixa

renda que habitam esses territórios. Inseriram-se, portanto, no debate nacional e internacional sobre os processos e planos urbanos genericamente caracterizados como de gentrificação e na crítica ao uso instrumental do patrimônio urbano como insumo desses processos.

A segunda temática relaciona-se à arquitetura popular sob a ótica dos espaços produzidos, saberes e fazeres que a caracterizam como patrimônio — uma linha de investigação relacionada diretamente à minha experiência na formulação e na implementação da política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial e à constatação da ausência desse tema nos cursos de Arquitetura e Urbanismo. Essa vertente foi explorada em diversos artigos e textos publicados, e, mais recentemente, em capítulo do livro *Olhares Contemporâneos sobre Arquitetura Vernácula/Popular (2022)*, que organizei juntamente com Marco Antônio Penido Rezende, da UFMG. Neste caso, a temática insere-se no debate sobre a construção da história da arquitetura ocidental e sobre o próprio conceito de arquitetura com o qual opera, o qual relega os espaços produzidos fora dos circuitos acadêmicos e formais como anomalias.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Como você avalia, ao longo dos anos, a evolução e as contribuições do PPG-AU, considerando a(s) Áreas de Concentração, bem como de suas Linhas de Pesquisa?

Márcia Sant’Anna: O PPG-AU tem, a meu ver, contribuído de modo central para o debate sobre arquitetura, patrimônio cultural e urbanismo no Brasil, inclusive por meio de iniciativas de repercussão nacional, como os seminários sobre História da Cidade e do Urbanismo, série iniciada pelo programa nos anos de 1980; os seminários do Docomomo, nos anos de 1990; os seminários Corpocidade, mais tarde, entre outros eventos, que constituem efetivamente redes de pesquisadores e verdadeiros fóruns nacionais de debate sobre história urbana, urbanismo, arquitetura moderna, dentre outros tópicos. Seguindo essa tradição do programa, iniciamos em 2016, mais uma dessas séries com o 1º Seminário sobre Arquitetura Popular. Este evento teve sua 2ª edição na UFMG e a 4ª na UFF, com a próxima, prevista para 2026, a ser realizada na USP e a seguinte na UFPA. Essa expansão demonstra, mais uma vez, a capacidade que o programa tem de identificar temas de interesse capazes de mobilizar nacional e internacionalmente pesquisadores.

Com relação às Áreas de Concentração e às Linhas de Pesquisa, tenho defendido a sua revisão no sentido do acompanhamento das novas demandas e discussões desenvolvidas no âmbito do programa. Não se trata, contudo, de uma tarefa fácil, pois im-

plica levar em conta a história e a identidade do programa — nesse sentido, cabe lembrar que foi o primeiro a focalizar numa Área de Concentração a questão do patrimônio no Brasil —, mas também renovar a sua proposta de acordo com os avanços acadêmicos e debates contemporâneos. As discussões havidas, contudo, já sinalizaram claramente a necessidade de incluir o tema da Arquitetura nas áreas de concentração e de criar linhas de pesquisa que englobem as questões raciais e de gênero e os estudos da paisagem.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Quais seus interesses atuais, os novos projetos e as ações inovadoras que participa e como que se relacionam com o PPG-AU?

Márcia Sant'Anna: As temáticas que me interessam continuam as mesmas, mas caberia citar duas experiências recentes que por muito tempo deverão nutrir meu pensamento e minha produção acadêmica. A primeira diz respeito ao processo de construção de uma metodologia para a elaboração de normas e critérios de intervenção para áreas urbanas patrimonializadas, com a participação da população moradora e interessada na preservação dessas áreas. O desenvolvimento dessa metodologia no Centro Histórico de Salvador, que envolveu inúmeras reuniões e discussões presenciais e on-line, exercícios de percepção do espaço urbano e elaboração e análise de mapas mentais, tem sido um processo extremamente rico não só em termos de aprendizado, mas também como experiência que demonstra a importância central do envolvimento da população nesses processos.

Outra experiência extremamente rica tem sido a elaboração, em conjunto com colegas da UFBA, da UFMG e da UFF, do Portal da Arquitetura Vernácula/Popular Brasileira, uma plataforma digital que permitirá não somente a formação e articulação de uma rede nacional de pesquisadores sobre este tema, como a disponibilização ao público das principais pesquisas realizadas em todas as regiões do Brasil. Dentro de alguns anos, espera-se que o Portal seja capaz de fornecer uma visão bastante ampla, e ao mesmo tempo profunda, da presença, da diversidade e da importância dessa arquitetura no país, bem como a possibilidade, dentre outras, de se elaborar cartografias sobre áreas de concentração de saberes, fazeres, formas e tipologias recorrentes e/ou de incidência pontual ou circunscrita de expressões únicas ou singulares.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Como avalia o cenário contemporâneo da Pós-graduação no Brasil e como analisa a participação do PPG-AU nesse contexto?

Márcia Sant'Anna: Conforme assinalou Vladimir Safatle, em recente palestra realizada na Faculdade de Arquitetura da UFBA, o modelo europeu/americano que organiza a

pós-graduação no Brasil não condiz com nossa realidade e com os problemas educacionais, sociais e econômicos estruturais que nos caracterizam como nação. Nos fóruns competentes, o PPG-AU tem sido uma voz a chama atenção para nossas particularidades de país periférico e para a necessidade de levá-las em conta, inclusive nas ações de avaliação quadrienal. Eu acrescentaria, ainda, a essa questão geral, a problemática criada com a relativa massificação dos cursos de pós-graduação, mas sem uma relação clara entre esse nível de formação superior e as oportunidades de trabalho, e sem a ampliação proporcional de quadros docentes e a criação de estruturas físicas e administrativas condizentes e adequadas a esse crescimento. O PPG-AU vem lutando por mais estrutura física há vários anos, sendo finalmente bem-sucedido com a conclusão do novo anexo da Faculdade de Arquitetura. Pode-se dizer que nesse sentido, temos agora espaço e instalações mais do que suficientes para as atividades de ensino, pesquisa e extensão vinculadas ao programa. Não temos sido tão bem-sucedidos, contudo, com relação à estrutura administrativa que segue deficiente e sem muita perspectiva de melhoria.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Quais temáticas, conceitos, autoras e autores você julga estarem emergindo e consistirem em novas perspectivas aos debates em Arquitetura e Urbanismo?

Márcia Sant'Anna: Como já observei anteriormente, a temática relativa às questões étnico-raciais, de gênero e o debate sobre as epistemologias apagadas e/ou invisibilizadas pelo domínio cultural ocidental emergiram com força nas últimas décadas, no meio acadêmico, e vêm gerando aportes importantes para a abordagem da Arquitetura e do Urbanismo. Nesse sentido, citaria Muniz Sodré, Leda Maria Martins, Antônio Bispo dos Santos, Ailton Krenak, José Jorge de Carvalho como autores que, no Brasil, aportam ideias e conceitos que apontam para novas possibilidades de produção de conhecimento e de entendimento da nossa realidade multirracial, periférica e diaspórica.

Cadernos PPG-AU/FAUFBA: Finalmente, o que ou quem você está lendo neste exato momento e que temas têm te interessado? Alguma dica de leitura para estudantes de pós?

Márcia Sant'Anna: Permaneço explorando as temáticas anteriormente apontadas, mas, nesse momento, com um foco que me leva de volta ao início da minha trajetória profissional. A partir de um estágio de pesquisa realizado junto ao Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PROURB/UFRJ), venho me dedicando ao estudo dos terreiros de candomblé baianos que se deslocaram, se desdobraram ou se ramificaram no Rio de Janeiro. Esse estudo se insere numa vontade

de compreensão maior sobre a diáspora negra no interior Brasil e sobre a capacidade do povo negro de conquistar espaços e realizar ações que interferem culturalmente na sociedade dominante. São outros objetivos dessa pesquisa contribuir para a realização de processos de patrimonialização mais condizentes com a realidade desses espaços de memória e cultura e gerar material para a proposição de novas disciplinas no PPG-AU que abram espaço para a produção arquitetônica e espacial das camadas populares. Por essa razão, tenho ultimamente me dedicado à leitura de autores que se dedicaram, mais recentemente, à história e as arquiteturas do candomblé na Bahia e no Rio de Janeiro, como Agenor Miranda Rocha (2000), Fábio Velame (2022), João José Reis (2008), José Beniste (2019), Leon Araújo (2023) e Luís Nicolau Parés (2020), dentre outros. Como dica de leitura para estudantes da pós que estejam interessados no tema das epistemologias do Sul, recomendaria o livro, de Leda Maria Martins, *Performances do Tempo Espiral: Poéticas do Corpo-tela* (2021).

Referências

ARAÚJO, Leon. **Terreiro da Goméia e Patrimônio como Performance**: negociação resiliência e solidariedade. 2023. Tese (Doutorado em História) — Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2023.

BENISTE, José. **História dos Candomblés do Rio de Janeiro**: O Encontro Africano com o Rio e os Personagens que Construíram sua História Religiosa. Rio de Janeiro: Bertrand, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do Tempo Espiral**: Poéticas do Corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PARÉS, Luís Nicolau. **Lauda Antropológico**. Exposição de Motivos para Instrução De Pedido de Tombamento do Terreiro de Candomblé Aganjú Didé Icimimó, de Cachoeira/Bahia como Patrimônio Histórico e Etnográfico do Brasil, 03 de outubro de 2020.

REIS, João José. **Domingos Sodré, um sacerdote africano**: Escravidão, Liberdade e Candomblé na Bahia do Século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROCHA, Agenor Miranda. **As Nações Kêtu**. Origens, Ritos, Crenças: os Candomblés Antigos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

SANT'ANNA, Márcia. O projeto MAMNBA: contexto político institucional, desdobramentos conceituais e técnicos. **Anais do Museu Paulista**, vol. 28, 2020, p. 1-17.

VELAME, Fábio Macêdo. **Arquiteturas Crioulas**: os Terreiros de Candomblé de Cachoeira e São Felix. Salvador: EDUFBA, 2022.

Recebido em: 15/06/2024

Aceito em: 22/06/2024

DOI: 10.9771/ppgaufaufba.v13i0.64175

Como citar: SANT'ANNA, Márcia. "O PPG-AU tem sido uma voz a chamar atenção para nossas particularidades de país periférico". **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v. 13, n. 1, p. 84-96, 2024.



FAUFBA



PPG-AU
FAUFBA

NAPPE

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA
E PRODUÇÃO EDITORIAL